

A HOMOSSEXUALIDADE

A homossexualidade sempre existiu e, durante séculos, foi tradicionalmente considerada um comportamento anómalo, mas nas últimas décadas temos assistido a uma crescente mudança de mentalidade, por parte da opinião pública, e a uma crescente influência e aceitação dos grupos “gay” na nossa sociedade.

Os países que actualmente reconhecem o “casamento homossexual” são a Holanda (2001), a Bélgica (2003) e a Espanha (2005). Há ainda um conjunto de outros países como a França, a Alemanha, a Finlândia, a Suécia, a Noruega, a Dinamarca e a Islândia que permitem a “união civil homossexual”, mas esta é figura jurídica diferente do casamento homossexual, porque não há uma regulamentação legal da mesma.

FACTORES QUE CONTRIBUÍRAM PARA A LEGALIZAÇÃO DO CASAMENTO HOMOSSEXUAL:

- A influência crescente do pensamento humanista e relativista, que afirma que não há valores absolutos, cada um acredita no que quer e, a pessoa humana além de ser livre é o centro de tudo. Pelo contrário, no Cristianismo Deus é o centro de tudo e a sua Palavra é a regra de fé e de prática.
- A perda de influência dos valores cristãos no mundo de hoje.
- O poder da comunicação social cada vez mais sensacionalista, mais poderosa e mais tolerante.
- Os chamados lobbys, ou a pressão organizada dos próprios homossexuais, sobre a comunicação social e sobre os órgãos do poder.

De qualquer forma, e apesar de toda a popularidade que hoje existe à volta deste assunto, a percentagem de homossexuais na população não ultrapassa os 2%, de acordo com os estudos existentes, e isto em todas as classes sócio-económicas.

DADOS HISTÓRICOS

Como já dissemos a homossexualidade não é um fenómeno novo.

Na **Grécia Antiga**, as obras de filósofos como Platão e Sócrates, mostram que o amor entre dois homens era, já naquela altura, considerado superior ao amor existente entre um homem e uma mulher. Isto numa época em que a mulher era considerada um ser inferior, sem direito a voto, numa sociedade onde terá nascido a democracia.

No **Império Romano**, os comportamentos homossexuais existiam e, embora fossem proibidos por lei desde o séc. III aC, alguns imperadores eram homossexuais.

Já na **Cultura Judaica** as coisas eram diferentes, pois aí valorizava-se a vida familiar e tanto o adultério como as práticas homossexuais eram motivo de condenação à morte.

No **Cristianismo**, desde o seu início, que a maioria dos teólogos tem condenado o comportamento homossexual, considerando-o “contra a natureza” e como um desvio, em relação aos propósitos do Criador.

Na **Idade Média**, o celibato foi considerado como o melhor caminho para uma vida de santidade e para resolver a promiscuidade sexual.

Os **teólogos da Reforma Protestante** falaram duramente contra a homossexualidade, mas salientaram que não era um pecado maior, nem menor do que o adultério.

O QUE É AFINAL A HOMOSSEXUALIDADE?

A homossexualidade pode ser definida como sendo a atracção emocional e sexual entre duas pessoas do mesmo sexo. Como é sabido, quando se trata de **homens** usa-se o termo **homossexuais** e, quando se trata de **mulheres**, usa-se o termo **lésbicas**, proveniente da sacerdotisa/poetisa Safo, que habitava a ilha grega de Lesbos.

TEORIAS SOBRE A ETIOLOGIA DA HOMOSSEXUALIDADE

Não existe unanimidade sobre o assunto e por isso existem várias teorias que incluem cerca de 65 factores que pretendem explicar a **etiologia** da homossexualidade: (Artigo de Henlee Barnette – Homosexuality: Toward a Christian Response).

A Teoria Biológica - Os defensores desta teoria procuram ansiosamente evidências científicas, que provem que a homossexualidade tem causas genéticas e hormonais. Acreditam que a pessoa já nasce assim, e não tem nada que mudar. É como o canhoto, ou esquerdino, que nasce assim e nem sequer se deve falar em tratamento.

Em 1993, tornou-se famoso o estudo publicado nos EUA, por Simon LeVay, um neurocientista que afirmou ter descoberto que o hipotálamo dos homossexuais é mais pequeno do que o hipotálamo dos heterossexuais. O hipotálamo é a glândula responsável por várias funções vegetativas, como a temperatura do corpo, o sono e também pela actividade sexual da pessoa. A implicação desta suposta descoberta é que a homossexualidade não é um desvio, nem sequer é uma opção da pessoa. Por consequência se ela já nasce assim, deve ser declinada qualquer responsabilidade pela sua inclinação, sendo impensável considerar a prática homossexual uma conduta imoral.

Os homossexuais ficaram eufóricos, contudo, foi sol de pouca dura, pois a descoberta não foi validada, não sendo possível estabelecer uma relação de causa e efeito, entre o tamanho dessa glândula e a homossexualidade. A questão é que, se o tamanho da glândula pode determinar a homossexualidade, também é verdade que a homossexualidade pode determinar o tamanho da glândula. Isto é, o cérebro pode afectar o comportamento, o comportamento pode afectar a experiência e, por sua vez, a experiência pode afectar a organização do cérebro e por aí fora. Poderá haver aqui um princípio de causalidade circular, mas não de causalidade linear.

Convém ainda acrescentar que o neurocirurgião Simon LeVay se assume, ele próprio, como homossexual, (Christianity Today, June 22, 1992) o que leva alguns a questionar a imparcialidade científica do seu estudo.

A Teoria Psico-Social – Esta teoria defende que as causas da homossexualidade têm origem nas famílias patogénicas, responsáveis pelo desenvolvimento de alguma perturbação nos relacionamentos familiares, nos primeiros anos de vida. Esta patologia seria desencadeada por mães demasiado protectoras, possessivas e castradoras, e pais demasiado distantes ou passivos, que não transmitem afecto. Assim sendo, meninas que não desenvolvem um vínculo afectivo saudável com as mães poderão tornar-se lésbicas e meninos que não desenvolvem esse vínculo afectivo saudável com os pais poderão tornar-se homossexuais. A importância desta teoria é reforçada pelo peso de alguns estudos, os quais afirmam que a condição essencial para o desenvolvimento da orientação homossexual é o défice de afectividade com o progenitor do mesmo sexo. Entretanto, as organizações que trabalham com homossexuais têm apresentado uma lista de factores comuns, relacionados com o aparecimento da homossexualidade, os quais se enquadram no âmbito desta teoria e que são os seguintes:

- **Perturbações no desenvolvimento infantil**

- **Perturbações de ordem familiar**
- **Temperamento e interesses** - Há rapazes que nascem, por exemplo, com uma certa sensibilidade artística para a música, para a dança, para certas formas de arte, mas os próprios pais desvalorizam essa aptidão, dizendo que isso é coisa de meninas.
- **Pressão de grupo**
- **Abuso sexual** - Se uma jovem sofreu um abuso sexual na infância, ao iniciar um relacionamento heterossexual, as memórias do trauma sofrido poderão vir imediatamente à superfície. Para ela poderá ser mais seguro procurar o carinho, o conforto, a atenção e a intimidade duma amiga, do que envolver-se com um homem, que para ela funciona como o símbolo do abuso.

Nesta teoria ainda cabem a exposição à pornografia, à violência doméstica, ao adultério dos pais, etc., enquanto factores de perturbações da identidade sexual.

A Teoria Antropológica – Defende que a homossexualidade é simplesmente o resultado de uma escolha ou opção de um estilo de vida, por parte do indivíduo.

A Teoria Totalista ou Eclética – Uma vez que os estudos científicos se têm mostrado inconclusivos, esta teoria admite a combinação de vários factores presentes nas teorias anteriores. De resto, importa afirmar que nesta questão não se pode falar em causas, mas sim em múltiplos factores potenciadores do problema.

A HOMOSSEXUALIDADE É UMA DOENÇA?

Em 1973, a **Associação Americana de Psiquiatria** deixou de considerar a homossexualidade um comportamento patológico e retirou-o do seu **Manual de Diagnóstico e de Estatística das Doenças Mentais**, devido à influência do psiquiatra Robert Spitzer. Perante esta decisão e, por uma questão de coerência, aquela Associação deixou de prescrever qualquer tipo de terapêutica para alterar a orientação sexual, uma vez que em medicina se não há diagnóstico, não há doença, e se não há doença não há tratamento.

Entretanto, no dia 17 de Maio de 2001, a revista **Visão** publicou um artigo que dizia: **“Há mais de uma geração o psiquiatra Robert Spitzer ajudou milhões de pessoas a ficarem instantaneamente curadas...Na semana passada, Spitzer deu um passo atrás...defendeu que alguns homossexuais se podem tornar heterossexuais”**. Esta reviravolta criou algum mal-estar, não só entre a comunidade científica, mas também entre a comunidade gay, porque dum modo geral, as organizações mundiais de saúde consideram que a orientação sexual de uma pessoa é uma coisa pré-definida e, portanto, o que eles chamam “as terapias reparadoras” não são aceitáveis e podem até ser nefastas. Em suma, se a homossexualidade não é mais uma doença, o homossexual só é doente se ele se considerar doente, isto é, se ele não se sentir bem com a sua orientação sexual.

Freud, o autor da psicanálise, afirmou que os seres humanos à nascença têm ambas as capacidades ou as tendências para serem heterossexuais ou homossexuais. Depois, a orientação seguida ou adquirida depende do ambiente familiar, ou seja, é aprendida e não é uma herança biológica. Esta posição baseia-se, pelo menos em parte, no pressuposto de que os seres humanos são mamíferos, os quais têm a capacidade de responder a estímulos. Portanto, se o adolescente for estimulado ou exposto a um comportamento homossexual poderá “aprender a gostar”, desenvolvendo um comportamento adaptativo, o que equivale a dizer que o indivíduo pode ser condicionado pelo hábito, pela educação e pela experiência.

A HOMOSSEXUALIDADE DO PONTO DE VISTA CRISTÃO

Na perspectiva cristã, a homossexualidade é geralmente considerada um desvio daquilo que é a expressão normal da sexualidade, porque Deus, o Criador, **“desde o princípio nos fez homem e mulher”** (Mateus 19:4). Na sua carta à Igreja de Roma o apóstolo Paulo menciona que os homens **“mudaram a glória de Deus...”, “mudaram a verdade em mentira...”, “mudaram o uso natural no contrário à natureza...”** (Romanos 1:23, 25 e 26) o que pressupõe uma escolha deliberada. Assim, enquanto a libido dos pedófilos se centra nas crianças e a libido dos zoofílicos se centra nos animais, a libido dos homossexuais centra-se nas pessoas do mesmo sexo, fazendo delas o seu objecto de prazer. Para os cristãos não há dúvida que a homossexualidade é um desvio, à semelhança do que acontece com a pedofilia, com a zoofilia, com o travestismo, com o exibicionismo e com outras parafilias, o que não se sabe é porquê, da mesma forma que não se sabe por que é que alguns indivíduos se tornam criminosos, psicopatas, ladrões, prostitutas, toxicodependentes, alcoólicos, etc.

Precisamos de ter em consideração que, de acordo com a Bíblia, a condição do ser humano é a condição de um ser caído, incompleto, imperfeito, do ponto de vista moral, espiritual, psicológico e físico. O pecado de Adão também afectou a raça humana na sua estrutura física, biológica e genética. Fisicamente nós não somos o que devíamos ser. O conceito hebraico de pecado pode ser esclarecedor, pois significa “errar o alvo”. Ora, se não somos o que devíamos ser, estamos a errar o alvo, e isso é pecado. O pecado e a corrupção afectaram os nossos corpos, não apenas as nossas almas.

Portanto, não poderá haver algum tipo de imperfeição congénita, que possa contribuir para a tendência homossexual? O salmista diz, por exemplo, no Salmo 51:5: **“Eis que em iniquidade fui formado e em pecado me concebeu minha mãe”**. O apóstolo Paulo também diz: **“Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora...também gememos em nós mesmos, esperando a adopção, a saber, a redenção do nosso corpo.”** (Romanos 8:23) Se é possível nascer com trissomia 21, com mal formações congénitas e outras patologias, não será possível trazer na nossa bagagem algum factor potenciador da homossexualidade?

Contudo, e ainda que assim seja, as causas genéticas não justificam o comportamento pecaminoso, daí que o comportamento homossexual seja condenado na Bíblia. Importa lembrar que os princípios divinos não estão sujeitos a actualização de acordo com as últimas descobertas da ciência, que por vezes não são muito credíveis. De resto, a Bíblia e a ciência não se contradizem.

Por fim, vale a pena lembrar que a homossexualidade é mais um sintoma do que outra coisa. A nossa compreensão deste assunto tem que ser abrangente, evitando adoptar atitudes críticas, ou juízos de valor. Alguns homossexuais têm testemunhado do seu sofrimento, e têm afirmado que o que eles procuram não é necessariamente sexo. A homossexualidade é um sintoma de algo mais profundo na personalidade da pessoa, tal como necessidades emocionais não satisfeitas. E aqui voltamos àquela ideia do défice emocional, mencionada anteriormente. O que estes indivíduos dizem que procuram é a felicidade, a amizade, a atenção, o afecto, a companhia de um amigo com quem possam desenvolver uma intimidade, a nosso ver patológica, mas ainda assim uma intimidade.

MITOS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

1. Todos os homossexuais têm “maneirismos”.

Não é verdade. Não há um único estereótipo. Nem todos têm um ar efeminado. Não há um homossexual típico.

2. Os homossexuais não mudam

Afirmar que se alguém nasceu homossexual, vai ser homossexual até ao fim da vida, não é verdade. Há homossexuais que desejam mudar e têm mudado. Aliás, se o estilo de vida homossexual foi aprendido, ou foi alvo de uma escolha, então a pessoa também pode reaprender uma nova orientação e

fazer uma nova escolha. A mudança é possível através de terapias adequadas e é um direito que a pessoa tem.

3. Se o homossexual mudou, é porque não era homossexual

Não é verdade. Isso é o mesmo que dizer: Se o toxicodependente deixou de consumir é porque nunca foi toxicodependente. Se o alcoólico deixou de beber é porque nunca foi alcoólico. De modo algum.

4. Os Homossexuais só têm que alterar o seu comportamento para ficarem “curados”.

Não é verdade. Não é assim tão simples. Há questões subjacentes do foro psicológico, que é preciso abordar, tais como: O relacionamento com os pais na infância, a falta de confiança e a sua ambivalência em relação às pessoas do sexo oposto; as questões relacionadas com as suas primeiras experiências sexuais, com as suas fantasias, com os possíveis traumas, com as suas necessidades não satisfeitas, etc.

Precisamos de ter em mente que as experiências sexuais, e não só, ficam gravadas no cérebro, e não são apagadas duma forma mágica ou instantânea, quando pedimos a Deus que nos perdoe. Um dos aspectos importantes do tratamento de traumas é a questão das memórias e das emoções agradáveis ou não, que lhe estão associadas.

Há ainda algumas questões práticas com as quais é preciso lidar:

- O homossexual deve separar-se do seu amante ou companheiro? (I Cor. 6:18; II Tes. 3:6; II Cor. 6:14)
- Ajudar a pessoa a lidar com a solidão
- Ajudar a pessoa a evitar os lugares frequentados por homossexuais, cortar com os “amigos gay”, fazer novos amigos, evitar a pornografia, evitar os *sites* homossexuais, enfim, há um longo trabalho a fazer com a pessoa.
- Portanto, dizer simplesmente a uma pessoa que precisa de se arrepender, orar e ler a Bíblia ou que precisa de mudar de comportamento, ou que precisa de praticar a abstinência, poderá não ser suficiente. Pode precisar de apoio profissional.

5. A cura para os homossexuais é o casamento

Também não é verdade. Não é tão simples assim. O casamento pode apenas ser uma questão de fachada, mostrando que está tudo bem, quando não está. É preciso ver que a homossexualidade é uma questão complexa, que tem a ver com pessoas do mesmo sexo, e não com pessoas de outro sexo. O matrimónio não é um laboratório onde a pessoa faça experiências para ver se está curada da homossexualidade. É claro que há homossexuais que são casados, há homossexuais que depois de tratados casam, mas há outros que nunca casam e não têm que o fazer.

Portanto, o alvo do tratamento não é o casamento. O casamento não prova que a pessoa está curada. Uma aliança no dedo não prova nada. A abordagem do tratamento tem que ser holística e abrangente, uma vez que o alvo é o relacionamento saudável do indivíduo consigo mesmo e com pessoas de ambos os sexos.

6. Os homossexuais nascem homossexuais

Não se pode afirmar isso, porque os estudos são inconclusivos.

COMO MINISTRAR A UM HOMOSSEXUAL?

Qual deverá ser a atitude do pastor, ou qual a resposta cristã que a igreja deve dar aos homossexuais? Eis alguns passos que os pastores devem ter em atenção, quando lidam com um homossexual:

1. **Atitude de respeito pela pessoa** - O homossexual é uma pessoa que foi criada à imagem e semelhança de Deus e, só por isso, merece o nosso respeito. Não devemos fazer troça, nem

ridicularizar a pessoa. Precisamos de acreditar quando afirmam que não têm qualquer atracção por pessoas de outro sexo. Os homossexuais masculinos podem até sentir nojo, ou repulsa, pela vagina da mulher.

2. **Ter a certeza que o indivíduo é homossexual** – Aqui temos um problema de diagnóstico, até porque há vários graus ou tipos de homossexualidade:
 - **Transitória** – Acontece na adolescência e tem a ver com a curiosidade ou com as experiências. Há adolescentes, que estão na fase de definição da sua personalidade e da sua sexualidade, podendo assim ter contactos sexuais com colegas e amigos que os tentam seduzir, dizendo que é normal, ou que é uma alternativa possível, ou que até está na moda, e eles podem ficar confusos.
 - **Situacional** - Acontece, por exemplo, quando o indivíduo está preso e não tem acesso ao sexo oposto.
 - **Latente** – A pessoa pode ter um impulso consciente ou inconsciente para ter relações homossexuais, mas não se assume como tal. Pode ser ocasional.
 - **Episódica** – A pessoa envolve-se alternadamente em actos homossexuais e heterossexuais.
 - **Exclusiva** – A pessoa é declaradamente homossexual.

Portanto, é preciso falar com o indivíduo e ver até que ponto ele é um homossexual assumido, já com várias experiências, ou se é apenas uma pessoa confusa, que se encontra nalguma das fases mencionadas atrás.

3. **O que é que ele pretende** – Quer mudar? Quer saber a opinião do pastor? Quer pedir o seu apoio para a causa dele? Ou, pelo contrário, quer saber se o pastor o condena? Quer resolver alguns problemas relacionais com o companheiro?
4. **Por que é que a pessoa vem agora** – Qual é o contexto em que a pessoa pede ajuda? A pessoa vem em busca de ajuda porque não tem tido sucesso com as namoradas, mas tem um amigo íntimo com quem se dá muito bem, que é muito carinhoso, que o compreende e sente-se atraído por ele? Ou, trata-se de uma mulher desiludida com os homens, mas que tem uma amiga com quem deseja manter uma relação íntima? Ou, a pessoa vem em busca de ajuda, porque a sua relação homossexual está em crise? Assim como os casais heterossexuais se zangam, os casais homossexuais também se zangam e se ofendem. Antes de tentar dizer alguma coisa é preciso perceber o contexto em que a pessoa procura ajuda.
5. **O pastor precisa de refrear os seus dotes de pregador** – Numa sessão de aconselhamento o pastor não é pregador, até porque não está no púlpito. Não é aconselhável adoptar uma abordagem directiva, começando logo a pregar, a falar em pecado, e a dar conselhos sem primeiro ouvir e sem desenvolver uma relação empática. Se não tiver estes pressupostos em consideração, poderá simplesmente perder a pessoa.
6. **O pastor precisa de usar de compaixão** – Precisa de lidar com estas pessoas como lida com outros pecadores, que são alcoólicos, toxicodependentes, ladrões, adúlteros, etc. O pecador não é uma criatura que precisa apenas de limar algumas arestas, ou algumas imperfeições, para ficar bom. O pecador é uma pessoa que pertence a uma raça caída, que precisa de uma nova natureza e de um novo nascimento. Isto quer dizer que, resolver o problema de homossexualidade implica uma reestruturação a nível emocional, espiritual, bem como a nível da sua identidade como pessoa. Implica uma rendição a Cristo que precisa de ser o Senhor e implica envolver-se no estudo bíblico.

Como em todas as situações em que lida com o pecado, a igreja precisa de aceitar a pessoa, que precisa de salvação e de perdão, sem deixar de a confrontar com o pecado e sem deixar de explicar que o plano original de Deus é o relacionamento heterossexual. De facto, a Igreja deve ser uma comunidade redentora e terapêutica, composta por pessoas imperfeitas, que procuram crescer como seres humanos até à estatura de Cristo.

BIBLIOGRAFIA

Bob Davies & Lori Rentzel – *Coming out of Homosexuality*, Illinois: InterVarsity Press, 1993.

Clifford and Joyce Penner – *The Gift of Sex*, Dallas: Word Publishing, 1981.

Gilbert Bilezikian – *Beyond Sex Roles*, Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1985.

G. Lloyd Rediger – *Ministry & Sexuality*, Minneapolis: Fortress Press, 1990.

Henlee Barnette – *Homosexuality: Toward a Christian Response*

Robert L. Pettus Jr. – *As I See Sex Through the Bible*, Madison: Williams, 1973.

Stanley Grenz – *Sexual Ethics*, Dallas: Word Publishing, 1990.

Christianity Today, June 22, 1992

Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM-III-R, Washington, DC: American Psychiatric Association, 1987

Visão – 17 de Maio de 2001

Ludgero Coelho

(Trabalho apresentado num encontro da ORDEM DE PASTORES BAPTISTAS,
no Tabernáculo Baptista, no Porto, em 8 de Dezembro de 2008)